



menina hoje, *cientista* *amanhã*

Uma publicação da
Olimpíada Brasileira de
Saúde e Meio Ambiente
da Fundação Oswaldo Cruz





PATRIMÔNIO
DA SOCIEDADE
BRASILEIRA

Esta publicação é editada pela Olimpíada Brasileira de Saúde e Meio Ambiente, projeto coordenado pela Vice-Presidência de Educação, Informação e Comunicação da Fundação Oswaldo Cruz

Catlogação na fonte**Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio**

Marluce Antelo CRB-7 5234

Renata Azeredo CRB-7 5207

M545 Menina hoje, cientista amanhã / Coordenação de Cristina Araripe Ferreira. – Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2021.
51 p.

Esta publicação é editada pela Olimpíada Brasileira de Saúde e Meio Ambiente da Fundação Oswaldo Cruz.

ISBN: 978-65-00-15304-0

1. Desigualdade de Gênero. 2. Mulheres Trabalhadoras.
 3. Mulheres e Meninas na Ciência. 4. Saúde e Meio Ambiente. 5. Ciência, Tecnologia e Sociedade.
- I. Ferreira, Cristina Araripe.

CDD 305.4



Mulheres, professoras, pesquisadoras, cientistas, alunas, muitos substantivos podem ser indicados. Fato é que elas enfrentaram – e ainda enfrentam – obstáculos para a conquista da igualdade de gênero. No Brasil e em todo mundo, elas ainda estão excluídas, de acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU), de participação plena na ciência. E, no universo já tão competitivo e desafiador da ciência e tecnologia, a trajetória feminina é acompanhada pela luta política, afim de que sua capacidade profissional, as práticas docentes e a produção científica sejam reconhecidas como valiosas em todos os sentidos.

Durante toda a história humana, homens e mulheres observaram os céus, misturaram substâncias químicas, observaram nos microscópios o infinitamente pequeno e, de muitas outras maneiras, tentaram compreender o mundo. As contribuições para as pesquisas científicas são incontáveis, desde o início da ciência moderna, elas estudam e levantam novas questões todos os dias.

No entanto, por muito tempo, apenas as descobertas científicas masculinas e as publicações assinadas por homens eram divulgadas e valorizadas. O estereótipo de que os eles eram detentores do conhecimento dominam, ainda hoje, o imaginário da sociedade. Eles ocupavam, majoritariamente, o lugar de grandes inventores, descobridores e autores de publicações importantes na área científica. Há menos de 200 anos, salvo exceções, as normas sociais ditavam que uma mulher não poderia nem mesmo sonhar ser cientista. O papel delas era restrito à vida em casa e aos cuidados com a família. Ao longo de séculos, elas tiveram que burlar as regras e criar artifícios para dedicarem tempo às pesquisas, ao fazer científico. Muitas permitiam que seus trabalhos fossem assinados por homens ou mesmo se escondiam atrás de pseudônimos. Até que figuras corajosas, apaixonadas pelo conhecimento e comprometidas com o saber, romperam barreiras que lhes foram impostas.

Mulheres de todo o mundo, mulheres brasileiras, mulheres da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) têm se recusado a receber “o não” como resposta. Bertha Lutz, Maria Deane, Luiza Krau Oliveira, Virgínia Schall: nomes que são hoje reconhecidos na ciência nacional e contam a história do protagonismo feminino dentro e fora da instituição, se multiplicam. Elas abriram portas e lideraram inúmeros esforços para o acesso pleno de todas mulheres ao saber científico.

Nesse contexto, a **Olimpíada Brasileira de Saúde e Meio Ambiente (Obsma)**, criada em 2001, pela Fiocruz, apresenta este livro digital para que possamos ir além das leituras. Apresentamos o **Prêmio Menina Hoje, Cientista Amanhã**, e mostraremos como o debate sobre gênero e ciência se insere na longa trajetória de mulheres cientistas da nossa instituição. Elas fizeram história e continuam nos inspirando, neste século XXI, a incentivarmos meninas a construírem carreiras científicas. E assim queremos seguir avançando, propondo novas reflexões sobre a ampliação das conquistas de meninas e mulheres. É o que vamos descobrir nas próximas páginas.

editorial

produção

CONCEITO E PESQUISA

Cristina Araripe Ferreira**João Marcello Boueri Rossignaux****Valentina Leite**

EDIÇÃO DE TEXTOS E CONTEÚDOS

João Marcello Boueri Rossignaux**Valentina Leite**

REVISÃO DE TEXTOS

Flávia Lobato

REVISÃO DE CONTEÚDOS

Cristina Araripe Ferreira

COLABORAÇÃO

Aryella Maryah Couto Correa**Eliade Ferreira Lima****Isabela Schincariol****Jaqueline Goes de Jesus****Magali Romero Sá****Maria Isabel Pinheiro de Almeida****Marilda Gonçalves****Nara Azevedo****Sabrina Behar Jorge****Simone Kabarite****Thatiana Victoria dos Santos****Zélia Profeta**

ILUSTRAÇÕES

Gabriel Assis

AUDIOVISUAL

Pedro Henrique Nunes Jorge

TRANSCRIÇÃO DE ÁUDIO

Larissa Pereira Bispo

PROJETO GRÁFICO

Dorotéia Design

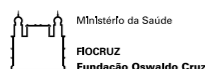
SUPERVISÃO

Maria Emília Souza Boueri

Apoio



Realização



MINISTÉRIO DA SAÚDE

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E COMUNICAÇÃO



Boa leitura!

Cristina Araripe, Valentina Leite e João Boueri



Fundação Oswaldo Cruz

PRESIDENTE

Nísia Trindade Lima

VICE-PRESIDÊNCIA DE
AMBIENTE, ATENÇÃO E
PROMOÇÃO DA SAÚDE

**Marco Antonio
Carneiro Menezes**

VICE-PRESIDÊNCIA DE
EDUCAÇÃO, INFORMAÇÃO
E COMUNICAÇÃO

Cristiani Vieira Machado



VICE-PRESIDÊNCIA DE
GESTÃO E DESENVOLVIMENTO
INSTITUCIONAL

Mario Santos Moreira

VICE-PRESIDÊNCIA
DE PESQUISA E
COLEÇÕES BIOLÓGICAS

**Rodrigo Correa
de Oliveira**

VICE-PRESIDÊNCIA DE
PRODUÇÃO E INOVAÇÃO
EM SAÚDE

Marco Aurelio Krieger

Olimpíada Brasileira de Saúde e Meio Ambiente



COORDENADORA NACIONAL
Cristina Araripe Ferreira

COORDENAÇÃO ADMINISTRATIVA
**Beatriz Velho
Beatris Camila Duqueviz**

SECRETARIA EXECUTIVA
Maria Inez Sodré Saraiva

COORDENAÇÃO REGIONAL
CENTRO-OESTE

Luciana Sepúlveda Köptcke

MINAS-SUL

Cristiana Ferreira Alves de Brito

NORDESTE I

Zulma Maria de Medeiros

Luis Fernando Pessoa

NORDESTE II

Marilda de Souza Gonçalves

Antonio Brotas

Nelzair Araújo Vianna

NORTE

Rita Suely Bacuri de Queiroz

SUDESTE

Ana Lucia de Almeida Soutto Mayor

COORDENAÇÃO DE COMUNICAÇÃO
Renata Fontoura

ASSISTENTES DE COMUNICAÇÃO
**Samantha Mahara
Valentina Leite**

João Marcello Boueri Rossignaux

ASSISTENTE ADMINISTRATIVO
Denise Machado

ASSISTENTE DE PESQUISA
Thatiana Victoria dos Santos

ASSISTENTES DE GESTÃO

Douglas Fernandes

Eládio Simões Menezes Santiago

Leonan da Silva Azevedo

Mércia Cristiane Santana da Cunha

Rejane Marques da Silva

Stephanie dos Santos Cabral

Thaiane Ferreira Carvalho



sumário



Desigualdade de gênero na ciência

8

Por mais meninas e mulheres na ciência

13

História da presença feminina na Fiocruz

14



Elas nos representam

18



22 Perfil das mulheres da Fiocruz



Programa Mulheres e Meninas na Ciência na Fiocruz

26

Comitê Pró-Equidade de Gênero e Raça

40

Olimpíada Brasileira de Saúde e Meio Ambiente e o 5º ODS

42

Prêmio Menina Hoje, Cientista Amanhã

45



Quem foi a cientista Bertha Lutz?

48

O que está por vir

50

Desigualdade de gênero na ciência

“**Não se nasce cientista, torna-se cientista**”, fazendo uso da conhecida frase de Simone de Beauvoir. Nessa perspectiva, os estudos científicos sobre mulheres têm dado cada vez mais destaque às questões de gênero, principalmente no campo das ciências humanas e sociais. Entretanto, apesar do aumento de estudos publicados por elas, os dados mostram que sua participação na ciência ainda é menor do que o esperado.

Segundo **relatório da Organização das Nações Unidas** para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), em 2018, menos de 30% dos pesquisadores e cientistas de todo o mundo eram mulheres. Em posições hierárquicas mais altas, o índice é ainda menor. Ainda de acordo com a Unesco, as mulheres também têm menos acesso a financiamentos, o que acaba colocando pesquisadoras em posição de desvantagem quando se trata de publicações científicas de impacto elevado. Os dados demonstram a desigualdade imposta pelo gênero na produção científica no Brasil e no mundo.

Doutora em Economia, Fernanda De Negri assina o estudo *Women in Science: Still Invisible?*, que faz parte do relatório **A Snapshot of the Status of Women in Brazil: 2019** (publicado pelo Wilson Center Brazil Institute e traduzido pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - Ipea).

54%

dos estudantes de doutorado no Brasil são mulheres

em 2018 menos de

30%

dos pesquisadores e cientistas eram mulheres

Entre os dados do estudo, De Negri aponta que, hoje, as mulheres são cerca de 54% dos estudantes de doutorado no Brasil, o que representa um aumento impressionante de 10% nas últimas duas décadas. A porcentagem é bem próxima a de países desenvolvidos, como os Estados Unidos, onde as mulheres obtiveram mais de 50% dos diplomas de doutorado concedidos no país, em 2017. Entretanto, no mundo, essa participação de mulheres na ciência varia entre as áreas de conhecimento. Nas áreas de *STEM*, sigla em inglês para *Science, Technology, Engineering e Mathematics* (ciência, tecnologia, engenharia e matemática, em português) elas representam menos de 25%.

“Fazer ciência é um ato de coragem.”

Aryella Correa, egressa do Programa de Vocação Científica da Fiocruz e estudante da Universidade Federal do Rio de Janeiro

Dados de 2015



se viam mais em profissões ligadas à área do cuidado



se reconheciam mais na área de engenharia

No Brasil, segundo dados da Plataforma Lattes levantados pela **Open Box da Ciência**, as mulheres representam 40% das pesquisadoras com doutorado. Portanto, menos da metade. Mas, como vimos acima, durante o curso de doutorado as mulheres são maioria. Percebemos, então, que existe uma parcela que não termina o doutorado. Onde está essa diferença?

Estimular a diversidade, oferecendo oportunidades para as mulheres na ciência, é fortalecer a qualidade da educação como um todo.

Para melhorar políticas e resultados educacionais, a cada dois anos, o **Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa)** faz uma pesquisa que avalia o desempenho escolar em diversos países. O levantamento é coordenado pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). Dados de 2015 revelam que as meninas se viam mais em profissões ligadas à área do cuidado. Já os meninos se reconheciam mais na área de engenharia. É necessário discutir o porquê dessa divisão.

Um **estudo realizado pela Universidade de Illinois, Nova Iorque e Princeton (EUA), publicado pelo periódico Science**, revelou que os estereótipos de gênero aparecem cedo: meninas, entre 5 e 7 anos de idade, acreditam que os meninos sejam mais inteligentes do que elas.

Mesmo assim, elas se interessam por ciência, tecnologia, engenharia e matemática, por volta dos 11 anos e meio. É o que mostra uma **pesquisa realizada pela Microsoft** com 11.500 mulheres com idades entre 11 e 30 anos em 12 países do continente europeu. Mas essa motivação começa a diminuir aos 15 anos: 60% das jovens entrevistadas admitiram que se sentiriam mais confiantes em seguir uma



É a vez delas: assista **Eliade Lima** (cientista)

carreira nas áreas de STEM se soubessem que homens e mulheres trabalham igualmente nessas profissões.

Na fase adulta, ainda há um direcionamento social das mulheres para a área do cuidado. Segundo **pesquisa da organização de mídia Gênero e Número, em parceria com a SOF Sempre Viva Organização Feminista**, metade das brasileiras passou a cuidar de alguém durante o período da pandemia.

Ao mesmo tempo, um **estudo divulgado pelo grupo Parent in Science** em 2020 mostra que a pandemia do novo coronavírus afetou drasticamente a produtividade das mulheres na pós-graduação: somente 10% das pesquisadoras conseguem realizar suas atividades acadêmico-científicas. Esse dado pode ser compreendido quando comparado ao fato de que as mulheres dedicam quase o dobro do tempo que os homens a tarefas domésticas, de acordo com o **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**.

E ainda há mais desigualdades entre as próprias mulheres: nas áreas rurais, mais de 60% das entrevistadas afirmaram que passaram a exercer tarefas de cuidado.

Esse fosso também é grande quando falamos das cientistas negras. A pesquisadora Maria da Penha Silva, ao tratar da história da população negra no Brasil, nos lembra que a perspectiva de homens brancos predomina, historicamente. Mulheres negras ainda sofrem o reflexo do passado colonial. Uma vez que o papel de servir está enraizado no imaginário social, as ocupações de menor prestígio e remuneração continuam a ser destinadas a elas na sociedade contemporânea.

na pandemia
somente

10%

das pesquisadoras
conseguem realizar
suas atividades
acadêmico-científicas

nas áreas rurais,
mais de

60%

passaram a
exercer tarefas
de cuidado

Bloqueio invisível que dificulta a maior participação feminina em alcançar bolsas de pesquisa com financiamento maior.

A despeito do espaço que as mulheres vêm conquistando na produção de pesquisa, o preconceito ainda gera fenômenos distorcidos, como o **“teto de vidro”**.

Todos estes dados evidenciam que, historicamente, as mulheres vêm sendo invisibilizadas. E se é da própria natureza da ciência estimular o pensamento crítico, vale destacar o quanto a desigualdade de gênero tem afetado o pleno desenvolvimento econômico, social e humano.

Para combater a desigualdade de gênero no campo científico, a Organização das Nações Unidas (ONU) instituiu, em 2015, o **Dia Internacional das Mulheres e Meninas na Ciência, celebrado em 11 de fevereiro**.

Sob a liderança da Unesco e da ONU Mulheres, diversas atividades são realizadas em diferentes países, a fim de dar visibilidade às contribuições fundamentais das mulheres nas áreas de pesquisa científica e tecnológica.

Iniciativas que promovem a igualdade de gênero são essenciais para o processo de transformação social. Um ambiente diverso e plural na área científica certamente estimulará a participação de mais mulheres e meninas, enriquecendo todos os campos do conhecimento, gerando um ciclo virtuoso.

Por isso, é tão necessário que jovens tenham em quem se inspirar e se espelhar: **Maria Curie, Katherine Johnson, Rosalind Franklin, Bertha Lutz, Maria Deane, Virgínia Schall** são exemplos de mulheres que abriram frentes importantes e brilharam no meio acadêmico-científico.



É a vez delas: assista **Jaqueline Goes** (cientista)

foto: Acervo pessoal

Por mais meninas e mulheres *na ciência*

Observando todo este cenário, vemos que se trata de uma luta histórica por direitos e pela ocupação de espaços sociais, políticos e de produção de saberes pelas mulheres. Por muito tempo, a sociedade esperava que meninas e mulheres fossem boas moças, esposas, mães e donas de casa.

Mas a afirmação da equidade e da diversidade está no DNA da Fiocruz, constitui sua história. É um compromisso permanente ampliar a presença delas nos campos da ciência e tecnologia.

E essa dimensão se fortalece quando nos alinhamos ao **Objetivos do Desenvolvimento Sustentável da Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU)** – em particular nas ações que visam a promoção da igualdade de gênero.

Entendendo seu papel como agente de transformação social desde a sua origem, a Fiocruz estimula iniciativas que permitam às meninas de hoje se tornarem cientistas amanhã.

Quer saber como esta história vem sendo **construída**?



História da presença feminina na Fiocruz



Em meados dos anos 2000, a historiadora e doutora em sociologia Nara Azevedo realizou uma pesquisa ampla sobre a presença de mulheres em três instituições científicas do Rio de Janeiro no período de 1940 a 1970. Ela entrevistou pesquisadoras do Instituto Oswaldo Cruz, do Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho e do Museu Nacional, focalizando suas trajetórias profissionais e o desenvolvimento de suas carreiras científicas.

Dentre os resultados, Nara observou que a própria presença de jovens estudantes naquelas instituições representava uma novidade no panorama brasileiro. De acordo com ela, nos relatos históricos sobre o desenvolvimento das ciências e das instituições científicas, as mulheres são “invisíveis”, como se a atividade científica não contasse com sua presença. Embora a ciência fosse dominada por homens, naquele período, um número expressivo de mulheres participava das instituições de pesquisa e universidades.

A partir dos anos 30 do século passado, o Instituto Oswaldo Cruz passa a gerar oportunidades de trabalho para jovens estudantes e profissionais formadas em enfermagem, farmácia, química, história natural, medicina, dentre outras profissões relacionadas às ciências da saúde. Elas estavam presentes também nas áreas de administração (como secretárias) e em bibliotecas.

Um processo que se intensifica, nas décadas seguintes, com a ampliação da escolarização feminina em nível secundário e superior (1930 e 1940), que abriu a possibilidade de ingresso de mulheres nas ciências e nas instituições científicas e universidades. E que ganha impulso após a Segunda Guerra Mundial, com as mulheres trabalhando em várias áreas da Fundação. Essa inserção aumenta, com as conquistas da década de 60, quando o movimento feminista dá mais voz às mulheres, ampliando seu lugar na sociedade em vários lugares no mundo.



Foto: Sher Santos

É a vez delas: assista
Nísia Trindade Lima
 (presidente da Fiocruz)

História da *presença* feminina na Fiocruz

Confira uma linha do tempo da presença feminina na Fundação, baseada nas pesquisas de Nara Azevedo

A Fundação começa a receber as primeiras mulheres. **Muitas ingressam por cursos oferecidos pelo Instituto Oswaldo Cruz.** Mas elas só passam a ter mais oportunidades profissionais, depois da Segunda Guerra, com a maior valorização dos cientistas.

1920

1930/40

Ampliação da escolarização feminina

em nível secundário e superior, no Brasil, que abre possibilidades de ingresso de mulheres nas ciências e nas instituições científicas e universidades.

Incentivadas por seus professores, mulheres chegam para atuar em laboratórios. Assim como acontecia com os alunos homens, vinham como estagiárias, na maioria das vezes sem remuneração. Na década de 1960, com a abertura de concurso público, várias são aprovadas e **começam a receber salário.**

1960

1970

Com o aumento no número de vagas nas universidades, esse período é marcado por mais oportunidades de **formação em nível superior para ambos os sexos.** Em 1974, faziam parte do quadro de pessoal 70 cientistas, sendo 18 mulheres (ou seja, cerca de 25%). Em 1975, um projeto de reconstrução da Fiocruz, após momentos turbulentos durante a Ditadura Militar, possibilita que profissionais de ambos os sexos sejam reconhecidos por seus trabalhos e pesquisas em outras universidades e organizações.

Com o passar dos anos, a **presença feminina na instituição foi aumentando e se equiparando a dos homens.** Em 2018, a Fundação elege Nísia Trindade Lima como a sua primeira presidente. Em 2019, dos 4.689 servidores da Fundação, 2.626 eram mulheres (56%).

1990 até 2020

Elas nos representam

Ampliar a visibilidade das mulheres e meninas nos diversos ambientes institucionais é muito importante. Com a palavra, a presidente da Fiocruz, Nísia Trindade Lima*:

“Dia 11 de fevereiro é um dia especial por celebrarmos o **Dia Internacional das Mulheres e Meninas na Ciência**. É uma celebração no sentido de chamar a nossa atenção para a importância de situarmos o papel das mulheres nas atividades científicas, em todas as áreas do conhecimento, com seus desafios e dificuldades da carreira científica. Também é um dia para estarmos incentivando as meninas a conhecerem a atividade científica e a verem o trabalho em ciência como importante e possível que as mulheres o realizem.

Por isso, na **Fiocruz**, nós nos somamos a esse movimento em todos os estados em que temos sede, em nível nacional, com uma **agenda de fortalecimento da discussão sobre gênero e ciência**. Entendemos que houve um grande avanço em muitas áreas, mas esse avanço ainda é pequeno diante do que precisamos para que a nossa sociedade seja efetivamente mais justa.

Um outro movimento muito importante é **mostrarmos para as meninas em situação de fragilidade** – em territórios que não têm acesso a políticas públicas como gostaríamos – **o conhecimento sobre o trabalho da ciência** e as possibilidades de que tenham carreiras nesse sentido.

Eu fico feliz da **Fiocruz** estar participando desse movimento, mesmo porque é uma forma de valorizar o fato de eu ser a primeira mulher a dirigir a instituição e poder, dessa maneira, deixar uma mensagem para todas as colegas pesquisadores, para as jovens pesquisadoras que iniciam na carreira e para todas as meninas que devem sempre se lembrar daquela máxima de **‘lugar de mulher é onde ela quiser’**.”

* Fala extraída de vídeo gravado no Dia Internacional das Mulheres e Meninas na Ciência, em fevereiro de 2020.

Conheça a trajetória de duas diretoras da Fiocruz e o que pensam quanto à formação de novas gerações de mulheres na ciência.

Zélia Profeta, diretora da Fiocruz Minas

Ingressei na Fiocruz no final da década de 1980, como técnica no laboratório de Malária do Instituto René Rachou (IRR/Fiocruz Minas). A partir de um ajuste no plano de carreira, por ter curso superior (sou formada em farmácia pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG) passei a assistente de pesquisa. Fiz meu mestrado e doutorado e fui ascendendo na carreira de pesquisador. Atuei como coordenadora do Biotério do IRR,

participei de várias comissões na Fundação, tais como câmaras técnicas e coordenações: coordenei o Centro de Estudos e o Centro de Referências em Leishmanioses (ambos do IRR) e também a Rede de Laboratórios de Referência da Fiocruz.

Em setembro de 2009, assumi o cargo de vice-diretora de Pesquisa, Inovação Tecnológica e Laboratórios de Referência do Instituto, onde permaneci até julho de 2012. Assumi, então, interinamente, o cargo de diretora da Fiocruz Minas até 2013, quando fui eleita diretora. Atualmente, estou no segundo mandato, que se encerra em maio de 2021, e sou professora do Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva.

Embora possamos observar algumas conquistas das mulheres, como o acesso a novas carreiras e a redução das diferenças salariais, em geral, nós continuamos trabalhando em condições mais precárias que os homens. Numa sociedade patriarcal como a nossa, não avançamos na carreira na mesma proporção que eles. Há ainda muito preconceito. Para que haja mais equidade de gênero, é fundamental ocupar cargos de gestão na liderança. Na Fiocruz, temos mulheres em cargos de coordenação, em várias chefias, nas direções de unidades, na Procuradoria, na Presidência.

“Numa sociedade patriarcal como a nossa, não avançamos na carreira na mesma proporção que os homens.”



Por exemplo, ter a Nísia Trindade como a primeira mulher a presidir a Fiocruz tem grande importância na nossa luta por equidade de gênero. Ao ocupar posições de liderança nos tornamos exemplos para que outras meninas e mulheres lutem por políticas e estratégias que favoreçam a maior participação feminina em cargos de gestão e de comando.

**Marilda Gonçalves,
diretora da Fiocruz Bahia**

Fiz a graduação na Faculdade de Farmácia da Universidade Federal da Bahia (UFBA), me formei em farmácia bioquímica, na área de concentração em análises clínicas e saúde pública. Depois, em farmácia, optando pela área de alimentos.

“Até então, a Fiocruz Bahia só contava com pesquisadores médicos, não havia pesquisadores de outras áreas da saúde. Foi assim que me tornei a primeira pesquisadora não médica do Instituto.”

Após a graduação, foi aberto um concurso para professor auxiliar na faculdade onde me graduei. Eu me candidatei à vaga e comecei a lecionar como professora da disciplina de hematologia clínica do Departamento de Análises Clínicas e Toxicológicas. Passei um período atuando como professora, e saí para cursar o mestrado e o doutorado, desenvolvendo meu trabalho na área de genética médica e antropológica. Fiz também o doutorado sanduíche no Medical College da Geórgia (EUA). Posteriormente, retornei a Salvador, minha cidade natal, onde eu tinha o vínculo de professora. Iniciei uma colaboração com pesquisadores do Instituto Gonçalo Moniz (IGM/Fiocruz Bahia).

Até então, a Fiocruz Bahia só contava com pesquisadores médicos, não havia pesquisadores de outras áreas da saúde. Foi assim que me tornei a primeira pesquisadora não médica do Instituto. No concurso seguinte, tivemos a entrada de uma segunda pesquisadora não médica, a Dra. Milena Botelho Soares.

Em relação à minha candidatura para o cargo de diretora da Fiocruz Bahia, eu sempre trabalhei em prol da instituição. Além disso, contei com o apoio de muitos colegas, analisei toda a minha contribuição, e concluí que teria capacidade para dirigir o nosso Instituto, principalmente com base na experiência que adquiri durante os meus 25 anos na Fiocruz.



Também achei oportuno que tivéssemos uma mulher na Diretoria, pois seria a primeira vez na Fiocruz Bahia. E isso poderia ser um estímulo para que outras mulheres vissem a Diretoria como uma possibilidade de atuação da mulher no Instituto.

Eu considero o tema da equidade de gênero de suma importância, uma vez que as mulheres trabalham com determinação, eficiência, profissionalismo, competência e conseguem lidar com situações de estresse

“Eu considero o tema da equidade de gênero de suma importância, uma vez que as mulheres trabalham com determinação, eficiência, profissionalismo, competência e conseguem lidar com situações de estresse com calma e sensatez.”

com calma e sensatez. Infelizmente, apesar de todas essas qualidades, são poucas as mulheres que ocupam cargos de gestão e liderança, não só na Fiocruz, mas em outras instituições e corporações. Por isso, acho fundamental criar programas de treinamento em liderança feminina, para que as mulheres acreditem e coloquem em prática todo o potencial que têm, que não se sintam intimidadas, que tenham plena consciência do quanto podem fazer a diferença — principalmente ao liderar equipes, influenciando o futuro de outras pessoas. A mulher está apta a assumir qualquer posição de liderança, avançamos muito, apesar de existir uma heterogeneidade mundial quanto a atuação profissional da mulher e a sua inserção no mercado de trabalho.

Perfil das mulheres da Fundação

Números que retratam a presença e a participação feminina na instituição

Trabalhadoras

Na Fiocruz, o número de mulheres pesquisadoras aumentou muito nos últimos anos, indicando um quadro diferenciado. O **Observatório da Fiocruz em Ciência, Tecnologia e Inovação em Saúde** — associado à Vice-Presidência de Educação, Informação e Comunicação — aponta que, em 2019, dos 4.689 servidores da Fundação, 2.626 são mulheres.

O Instituto Gonçalo Muniz (IGM/Fiocruz Bahia) apresenta em sua matéria **“Especial: Dia Internacional das Mulheres e Meninas na Ciência”** dados de 2016, indicando que as mulheres também são maioria na instituição em: 1) coordenação de projetos de pesquisa; 2) bolsas de produtividade CNPq; 3) coordenação dos programas de pós-graduação; e 4) cargos de assessoramento. De acordo com um artigo ainda não publicado sobre mulheres, ciência e saúde na Fiocruz, entre os 354 cargos e funções comissionados, mulheres também são maioria: 53% contra 47% de homens.

Servidores da Fundação

56%
são mulheres

Em funções e cargos comissionados de gerência intermediária, elas também prevalecem: 54% contra 46% dos homens. Mas nos cargos de nível estratégico, os homens são maioria: 61%. O artigo não publicado também aponta que, entre 354 funções e cargos comissionados, o percentual de mulheres é maior: elas são 53% contra 47% de homens.

Ainda, de acordo com a Fiocruz Bahia, essas mulheres apresentam, em maioria, o título de doutoras, estando distribuídas de forma equilibrada e principalmente entre as áreas de ciências biológicas e da saúde. A maioria de mulheres se concentra no cargo de tecnologista em saúde pública (961) e possui doutorado (1.031). O percentual de mulheres doutoras em comparação a mulheres com outras titulações seria de 39,26%, versus 31,6% de homens com doutorado em relação a homens com outras titulações.

Cargos estratégicos

61%
ocupados por homens

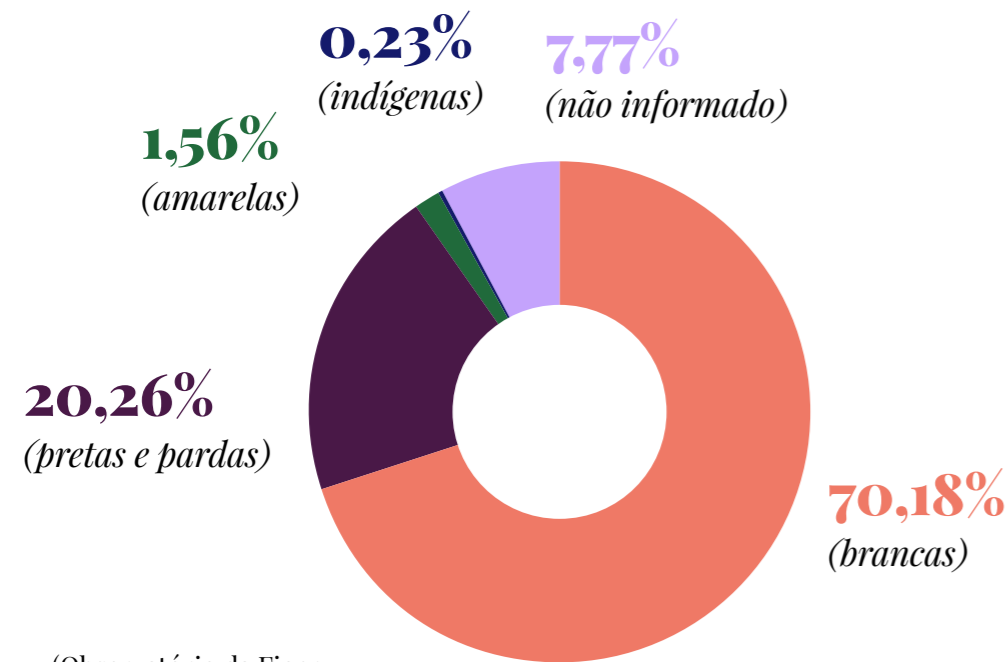
Cargos comissionados de gerência

54%
ocupados por mulheres

46%
ocupados por homens

Ainda segundo dados do Observatório da Fiocruz, dos 4.689 servidores ativos em 2019, 3.186 (67,95%) são pessoas brancas, 1.070 são pretos e pardos (22,82%) (870 pardos - 18,55% e 200 pretos - 4,27%), 68 amarelos (1,45%) e 12 indígenas (0,26%). O restante não tem a cor informada (353). As unidades com mais servidores são: o Instituto Fernando Figueira (IFF) com 797, seguido pelo Instituto Oswaldo Cruz (IOC) com 591, Escola Nacional de Saúde Pública (Ensp) com 553, Presidência com 370 e Instituto Nacional de Infectologia Evandro Chagas (INI) com 300 (todas essas localizadas no Rio de Janeiro). A unidade com mais servidores fora do Rio de Janeiro é o Instituto René Rachou (IRR), em Minas Gerais, em 9º lugar com 175 servidores.

Servidoras da Fundação (mulheres)



(Observatório da Fiocruz em Ciência, Tecnologia, Inovação e Saúde)

Dentre as mulheres, 1.843 são brancas (70,18%), 532 são pretas e pardas resultando em 20,26% (403 pardas - 15,35% e 129 negras - 4,91%), 41 são amarelas (1,56%) e 6 são indígenas 0,23%), sendo que 204 não informaram a raça (7,77%).

No contexto de publicações científicas elaboradas por mulheres, no **Diretório de Grupo de Pesquisa Lattes**, utilizando os termos de busca “mulher” ou “mulheres”, encontramos apenas 5 grupos de pesquisa na Fundação Oswaldo Cruz: 1 em ciências humanas, 1 em ciências biológicas e os outros 3 em ciências da saúde. No entanto, o número de pesquisas e linhas de pesquisa sobre o tema que encontramos parece ser bem maior. Em um total de 30.420 publicações no **Repositório Institucional Arca**, dos 10 autores com mais trabalhos cadastrados, 4 são mulheres. E “o pesquisador” com mais publicações é também uma mulher: Beatriz Grinsztejn, com 330 trabalhos. A próxima mulher com mais publicações é Milena Botelho Pereira Soares, em 4º lugar.

maior número de publicações

Beatriz
Grinsztejn

+de 330
trabalhos

Estudantes

Mulheres também representam a grande maioria entre os estudantes da Fiocruz. Esse dado foi revelado durante a primeira etapa do Ciclo de Pesquisa de Egressos, realizado pela Fundação em 2019. Dos 8.559 alunos da pós-graduação presencial formados entre janeiro de 2013 e maio de 2019, o levantamento obteve retorno de 51% deles.

A pesquisa envolveu 8.559 alunos e obteve 4.365 respostas (51%). Do total de respondentes, 75% são mulheres; 60% dos estudantes se autodeclararam brancos e 48% deles eram jovens e adultos (entre 20 e 30 anos) quando se formaram. Além disso, apenas 1,7% dos egressos reportaram ter alguma deficiência, e o ingresso por ações afirmativas foi verificado em apenas 0,4% deles, o que pode ser explicado pelo fato de que essa política é mais recente na instituição do que o intervalo estudado.

Considerando *Lato sensu* e *Stricto sensu*, observou-se que 22% dos egressos do *Lato* não participavam de nenhuma atividade profissional quando entraram no curso, percentual que caiu para 10% no momento da pesquisa, em 2019. Dos egressos do *Stricto sensu*, 30% não exerciam atividades durante o curso, percentual que caiu para 15% durante o período de participação no questionário.

A pesquisa de egressos foi realizada de maio de 2019 a março de 2020 e incluiu ex-alunos de 40 cursos *Stricto sensu*, 102 cursos de especialização e 34 residências, todos presenciais.

Por **Isabela Schincariol (Campus Virtual Fiocruz)**

17 de setembro de 2020

Estudantes da Fiocruz

75%

são mulheres

(ARCA Fiocruz)



É a vez delas: assista
Aryella Maryah (estudante)

Programa mulheres e meninas na ciência na Fiocruz

Promover a equidade de gênero é um compromisso da Fiocruz, uma instituição alinhada aos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável da Agenda 2030

Istock photos

O Dia Internacional de Mulheres e Meninas na Ciência (11/2) passou a integrar o calendário de eventos da Fundação Oswaldo Cruz em 2019. Ao ser eleita a primeira presidente mulher da Fiocruz (para a gestão 2017-2020), Nísia Trindade Lima afirmou o compromisso institucional com a igualdade de gênero. Já em 2019, foi criado o Grupo de Trabalho Mulheres e Meninas na Ciência (**Portaria número 5506/2019-PR**), com o objetivo de propor e coordenar ações de incentivo à participação delas na instituição.

No mesmo ano, a **página especial Mulheres e Meninas na Ciência** foi desenvolvida para divulgar atividades, chamadas internas e externas e artigos dentro dessa temática. É nessa perspectiva de atualidade do debate sobre gênero na Fundação que o espaço virtual está inserido.

Para as comemorações do Dia Internacional em 2020, foi lançada a chamada interna *Mais meninas na Fiocruz*, visando estimular o desenvolvimento de ações e atividades nas unidades e nos escritórios regionais, a fim de promover o acesso e a participação de mais meninas na ciência. A chamada interna é uma iniciativa da Presidência da Fundação, por intermédio da Vice-Presidência de Educação, Informação e Comunicação (VPEIC), que é conduzida por Cristiani Vieira Machado.

Com o objetivo de debater ciência na perspectiva de gênero, a instituição promoveu o evento *Mais meninas na Fiocruz*, que aconteceu em fevereiro de 2020 em unidades e escritórios da instituição distribuídos pelo Brasil.

O encontro de cientistas e alunos envolveu **143 pesquisadoras**, que receberam mais de **1.500 estudantes do ensino básico**. Já o público externo chegou a cerca de **600 pessoas** nos dias de atividades. Para isso, a organização do evento **contou com a colaboração de 80 pessoas**.



É a vez delas: assista **Cristiani Vieira Machado** (vice-presidente da Fiocruz)

foto: Peter Ilieiev (CCS/Fiocruz)

1. Fiocruz Rondônia (escritório regional)

O projeto *Mulheres e meninas na ciência de Rondônia – um elo entre o passado e o futuro* envolveu mais de mil alunos da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Daniel Neri da Silva. No dia 11 de fevereiro de 2020, eles participaram de atividades sobre a trajetória de mulheres cientistas pioneiras no Brasil e no mundo. Durante o evento, foram sorteadas estudantes para conhecer os laboratórios da Fiocruz RO: a visita aconteceu entre 17 e 19 de fevereiro. Esse projeto foi desenvolvido por mulheres do Laboratório de Entomologia e da Vice-Coordenação de Educação, Informação e Comunicação da Fiocruz.



Foto: José Gadella

Estudantes da Escola Estadual Daniel Neri da Silva, em Porto Velho (RO), participam do evento *Mulheres e Meninas na Ciência*

“O projeto trouxe a oportunidade de adquirir novos conhecimentos, e despertou em mim e nos meus colegas o interesse por assuntos que normalmente não são vivenciados em sala de aula.”

Nyuara Marinho, estudante do 2º ano do ensino médio, participante do evento da Fiocruz Rondônia

2. Fiocruz Amazônia (Instituto Leônidas e Maria Deane)

Dar asas ao potencial delas. Este foi o objetivo da atividade *Numiô-Momôro: meninas cientistas da Amazônia*, organizada em 2020 pelo Laboratório Território, Ambiente, Saúde e Sustentabilidade na Amazônia (TASS). Durante o evento, 50 meninas entre 7 e 14 anos — oriundas do movimento popular de moradia urbana e de ações de assistência aos imigrantes venezuelanos em Manaus — participaram de dinâmicas de estímulo à vocação científica. No idioma indígena Ye'pâ Masa, a expressão Numiô-Momôro significa “menina-borboleta” e foi escolhida por representar essa ideia de transformação.

“A ideia principal é estimular meninas e mulheres a terem esse contato com o mundo científico. Houve um esforço da instituição, para trazermos crianças que têm uma série de dificuldades para acessar esse universo. A Fiocruz assumiu esse compromisso institucional, em todo o Brasil, e esperamos que futuras ações do projeto tenham uma acolhida ainda maior por parte dos pesquisadores, assim como novos apoiadores.”

Fabiane Vinente, doutora em antropologia social e técnica em saúde pública na Fiocruz Amazônia



Foto: Eduardo Gomes e Diovana Rodrigues

A Fiocruz Amazônia promoveu atividade sobre igualdade de gênero na Agenda 2030. À direita, a pesquisadora Yara Maria Traub-Cseko (Instituto Oswaldo Cruz)

3. Fiocruz Ceará (escritório regional)

Quais os desafios enfrentados por mulheres na sua trajetória científica? O assunto foi debatido nas rodas de conversa promovidas pela Fiocruz Ceará em fevereiro de 2020. Os encontros contaram com a participação de 120 estudantes de escolas do ensino médio. Eles conversaram sobre equidade de gênero com três especialistas das áreas de ciência, feminismo e semiárido. Além disso, os alunos tiveram a oportunidade de conhecer Sônia Guimarães, a primeira mulher negra brasileira a se tornar doutora em física e a lecionar no Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA).

Foto: Thais Mesquita / Jornal O Porco



Laetícia Jalil, coordenadora do Núcleo Jurema - Agroecologia, Feminismos e Ruralidades da UFRPE; Andrea Sousa, coordenadora de projetos da ONG Esplar; e Sônia Guimarães, professora do ITA

No final de 2020, o Museu da Vida, vinculado à Casa de Oswaldo Cruz, lançou o projeto Meninas Negras na Ciência, coordenado por Hilda Gomes e Aline Pessoa. A iniciativa tem o objetivo de organizar atividades educativo-culturais para estudantes negras, que estejam cursando ensino médio em escolas públicas de Mangueiras, da Maré, do Jacarezinho e do Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro.

Por Melissa Cannabrava

“Quantas professoras negras eu tive? Nenhuma. Quando entrei na graduação, eu era a única mulher negra de toda a faculdade. Vocês chegarão em situações ruins só por serem meninas, mas não desistam — especialmente se for o que realmente querem. Desistir não é uma palavra que está no nosso vocabulário, não vale a pena.”

Sônia Guimarães, primeira mulher negra doutora em física pelo ITA

4. Fiocruz Pernambuco (Instituto Aggeu Magalhães)

A Fiocruz Pernambuco e o Observatório Feminista do Nordeste desenvolveram o projeto *O verão das meninas na Fiocruz*. Em janeiro de 2020, 12 meninas (de 14 a 17 anos) foram selecionadas para participar de estágio supervisionado em diversos laboratórios do Instituto Aggeu Magalhães/Fiocruz Pernambuco. O projeto repercutiu na imprensa e ganhou destaque no telejornal *Bom Dia Brasil* (Rede Globo). Outra atividade realizada foi o seminário Mulheres na Ciência: Construindo Alternativas para Superar as Desigualdades Raciais e de Gênero. O evento aconteceu no Dia Internacional das Mulheres e Meninas na Ciência (11/2) e contou com a participação de 80 pessoas. Em maio de 2020, foi lançado o **documentário** que resultou do projeto.

“O verão das meninas na Fiocruz teve o objetivo de dar mais visibilidade à importância da mulher nas atividades acadêmicas, divulgando suas produções e trazendo mais mulheres e meninas para a área científica.”

Constância Ayres, doutora em biologia celular e molecular e vice-diretora de Pesquisa da Fiocruz Pernambuco



Foto: Fiocruz PE

Estudantes selecionadas no projeto da Fiocruz Pernambuco

5. Fiocruz Piauí (escritório regional)

Inseridas na ciência, nós mudamos o mundo: mulheres e meninas na ciência já! Atividades relacionadas à igualdade de gênero envolveram 280 alunas no Dia de Cientista Mirim (10/2/20). Foram realizadas mesas-redondas sobre diversos temas, como a importância dos estudos de helmintos e insetos vetores da doença de Chagas. No dia seguinte, a celebração do Dia Internacional das Mulheres e Meninas na Ciência (11/2/20) reuniu pesquisadoras e alunas do Instituto Federal do Piauí e da Unidade Laboratorial da Fiocruz Piauí no Encontro de Gerações Femininas para a Ciência.

“É importante que mulheres e meninas recebam as mesmas oportunidades que os homens. Nós, da Fiocruz Piauí, acreditamos e defendemos que o lugar de mulheres e meninas é onde elas desejarem estar.”

Elaine Nascimento, doutora em ciências, tecnóloga em saúde pública e coordenadora-adjunta da Fiocruz Piauí



Foto: Fiocruz PI

O encontro, na Fiocruz Piauí, estimulou o debate sobre a geração de mais oportunidades para meninas e mulheres no meio científico

6. Fiocruz Bahia (Instituto Gonçalo Moniz)

Lançado em 11 de fevereiro de 2020, o projeto *Meninas baianas na ciência: conectando passado, presente e futuro* apresenta mulheres que atuam nas áreas de ciência, tecnologia e inovação, a fim de inspirar novas gerações de meninas e jovens. A proposta também visa fortalecer e divulgar o papel das mulheres nas áreas de ciências em saúde.

“Ser mulher na ciência é difícil, precisamos enfrentar vários desafios, mas isso não pode tirar o brilho das nossas conquistas.”

Marilda Gonçalves, doutora em genética e biologia molecular e diretora da Fiocruz Bahia



Foto: Fiocruz BA

Lançamento do projeto *Meninas Baianas na Ciência: conectando passado, presente e futuro*



Assista ao vídeo de lançamento do projeto *Meninas baianas na ciência: conectando passado, presente e futuro*

7. Fiocruz Mato Grosso do Sul (escritório regional)

A Fiocruz Mato Grosso do Sul, em 2020, desenvolveu o projeto *Mulheres na ciência: passado, presente e futuro*. O principal resultado da iniciativa foi o **blog *Elas na Ciência***. Criado por quatro alunas da Escola Estadual Professor Silvío Oliveira dos Santos, o blog reúne reportagens, artigos, teses acadêmicas e filmes disponíveis no YouTube, que tratam da presença da mulher no meio científico. A iniciativa foi reconhecida: a Câmara dos Vereadores convidou a organização do projeto e as alunas para receber uma moção de congratulações no dia 11 de fevereiro.



Foto: Fiocruz MS

“As alunas selecionadas para participar do blog mostraram uma grande expectativa em relação ao evento de lançamento. Era a primeira vez que iam apresentar um trabalho feito por elas, diante de um público tão diverso. A expectativa se concretizou e a alegria foi grande pelos frutos colhidos durante o evento.”

Eduardo Ferreira, doutor em ciências da saúde e pesquisador em saúde pública associado da Fiocruz

Alunas e organizadores do evento tiveram o projeto reconhecido pela Câmara de Vereadores

8. Fiocruz Brasília

A Fiocruz Brasília promoveu diversas atividades em 2020, como palestras em formato TEDx, com a representante do Fundo de População da ONU, Raquel Quintiliano. Mais de 200 meninas de 12 a 18 anos, estudantes de colégios públicos da Ceilândia, da Estrutural e de outras regiões do Distrito Federal e entorno, estiveram presentes durante o evento. As alunas participantes ajudaram a elaborar um episódio do podcast *Mais mulheres e meninas na ciência*, durante a *Oficina de podcast*. A organização do evento realizou o concurso de ilustrações e relatos *A ciência da vida: minha vida é na ciência*. As duas primeiras colocadas foram premiadas com uma viagem à sede da Fiocruz, no Rio de Janeiro – ainda não realizada em virtude da pandemia do novo coronavírus.

“Promover o *Mais meninas* na Fiocruz Brasília foi um momento de contar histórias e conhecer o caminho de construção das carreiras de diversas mulheres.”

Fabiana Damásio, doutora em psicologia e diretora da Fiocruz Brasília

Fiocruz Brasília



Assista à primeira e à segunda parte da atividade *Mais meninas* na Fiocruz Brasília, realizada no dia 11 de fevereiro de 2020



Ilustração de Anna Beatriz Borges

9. Fiocruz Minas (Instituto René Rachou)

Iniciativas da Fiocruz Minas para fortalecer diferentes territórios a partir da atração de mais meninas e mulheres na ciência. Este projeto reuniu alunas de escolas públicas e representantes de Movimentos dos Atingidos por Barragens. No dia 11 de fevereiro de 2020, a unidade promoveu diversas atividades. Uma delas foi a roda de conversa *O conhecimento produzido por mulheres*, com pesquisadoras da Fiocruz Minas e de outras instituições. Outra iniciativa foi a grafiteagem da lateral do Instituto René Rachou: a artista Krol (Carolina Jaued), do grupo Minas de Minas, retratou as pesquisadoras Alda Lima Falcão e Virgínia Schall — ambas dedicaram suas carreiras ao desenvolvimento da ciência no Brasil. Alda esteve à frente do Laboratório de Leishmanioses do IRR e Virgínia concebeu o primeiro projeto do Museu da Vida, da Casa de Oswaldo Cruz (COC/Fiocruz).



Foto: Fiocruz, MG

Participantes do evento em alusão ao Dia Internacional das Mulheres e Meninas na Ciência posam para foto no muro da Fiocruz, que foi grafitado pela artista Krol



Assista à atividade realizada na Fiocruz Minas no Dia Internacional das Mulheres e Meninas na Ciência

“Sempre escutamos que nós não somos capazes de conquistas, mas nós somos, sim. As mulheres que estão aqui são o verdadeiro exemplo disso. Para muitas de nós é uma oportunidade maravilhosa que está esclarecendo bastante coisa e abrindo a cabeça de muita gente. Eu espero que outras meninas tenham essa oportunidade de estar aqui.”

Gabriela Santhorini, estudante do ensino básico, durante as atividades do Dia Internacional das Mulheres e Meninas na Ciência 2020, Fiocruz Minas

10. Fundação Oswaldo Cruz (campus Manguinhos, no Rio de Janeiro)

Como parte das comemorações pelos seus 120 anos, a Fiocruz promoveu a iniciativa *Mais meninas na ciência – 2020*. As atividades aconteceram nos dias 10 e 11 de fevereiro de 2020, com a coordenação da Vice-Presidência de Educação, Informação e Comunicação e do Grupo de Trabalho Mulheres e Meninas na Ciência. No dia 10 de fevereiro, 51 alunas do ensino médio da rede pública visitaram nove unidades técnico-científicas (COC, Ensp, Iciat, ICTB, IFF, INCQS, INI, IOC e Farmanguinhos), e também o Centro de Desenvolvimento Tecnológico em Saúde (CDTS/Fiocruz) e a Fiocruz Mata Atlântica. As estudantes vivenciaram um dia de imersão em atividades científicas na instituição, que envolveram mais de 60 pesquisadoras. No Dia Internacional das Mulheres e Meninas na Ciência (11/2), as participantes do projeto compartilharam as experiências vividas nos laboratórios da Fundação, em rodas de conversa realizadas na Tenda da Ciência Virgínia Schall.



Foto: Peter Illiciev – CCS/Fiocruz

Estudantes selecionadas no projeto *Mais Meninas na Ciência – 2020* recebem o certificado de participação

“A ideia era fazer com que as jovens alunas se sentissem parte do processo. Promover o acolhimento e o respeito foi um dos nossos objetivos. Confesso que teve muita ansiedade durante a construção das atividades, mas o resultado foi maravilhoso para todas nós. O Dia Internacional das Mulheres e Meninas na Ciência 2020 envolveu toda a comunidade da Fiocruz.”

Rosicler Neves, doutora em química biológica e pesquisadora do Núcleo de Estudos da Divulgação Científica do Museu da Vida (Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz)

“Foi uma experiência intensa, que mudou realmente a minha vida. Esses dois dias mudaram a minha percepção sobre a ciência e sobre a mulher no mercado de trabalho.”

Integrante do grupo Motirão*

“A Fiocruz é uma semente na minha vida. Eu já tinha visitado a Fiocruz duas vezes antes, mas não tinha noção de que eu iria me apaixonar completamente.”

Integrante do grupo Motirão*

“A questão da representatividade, pra mim, sendo uma mulher negra, é muito importante, porque muitas vezes a gente vê mais homens. Então, estar na Fiocruz e ver tantas pessoas negras, tantas mulheres de várias áreas diferentes, foi incrível! Essa representatividade eu nunca vou esquecer.”

Integrante do grupo Motirão*

*Os trechos acima foram retirados de uma entrevista do grupo Motirão à página especial Mulheres e Meninas na Ciência. As integrantes do grupo decidiram pela não citação nominal em cada trecho, pois consideram que todas estão unidas em torno da construção do coletivo.

O grupo Motirão é formado por 14 alunas que participaram das atividades em alusão ao Dia Internacional das Mulheres e Meninas na Ciência de 2020 no Rio de Janeiro — evento promovido pela Vice-Presidência de Educação, Informação e Comunicação da Fiocruz, como parte das comemorações pelos 120 anos da instituição. O Motirão, em parceria com a Agenda Laranja do Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira (IFF/Fiocruz) — projeto coordenado por Corina Mendes e Marcos Nascimento — está elaborando sessões da Agenda Laranja Mais Meninas, que tem por objetivo informar, sensibilizar e contribuir para a construção de uma cultura institucional de enfrentamento da violência contra a mulher e das desigualdades de gênero.



Assista ao evento realizado na Fiocruz, no campus Manguinhos, no Rio de Janeiro

11. Fiocruz Paraná (Instituto Carlos Chagas)

A Fiocruz Paraná promoveu, em 2020, o lançamento do projeto *No rastro de Merit*, organizado pela Coordenação de Extensão da unidade. Um dos objetivos é oportunizar a estudantes de territórios vulneráveis o contato com a instituição de pesquisa, a história e a vida de cientistas mulheres. A primeira parte da iniciativa recebeu o nome de *Cafeminina* e reuniu mulheres do Instituto de Biologia Molecular do Paraná, do Instituto de Tecnologia do Paraná e do Instituto Carlos Chagas, que desenvolvem pesquisas científicas. No evento, foi exibido o filme *Estrelas além do Tempo*, baseado na história verdadeira de três cientistas negras da Nasa. O encontro também marcou o lançamento da chamada pública *Cientista-Madrinha*, voltada a estudantes do ensino básico das escolas públicas de Curitiba (PR) e região metropolitana.



Foto: Itamar Crispim - Fiocruz PR

A Fiocruz Paraná promoveu atividade para discutir a participação de mulheres na ciência

“O Dia Internacional de Mulheres e Meninas na Ciência é crucial para entendermos a importância da igualdade de gênero na área científica. O edital lançado pela Vice-Presidência de Educação, Informação e Comunicação, em parceria com o GT Mulheres e Meninas na Ciência, é extremamente importante. E não podemos esquecer o fato de que temos, pela primeira vez, uma presidente mulher à frente da Fiocruz. Precisamos estar coesas quando tratamos essa temática.”

Maria das Graças Rojas Soto, tecnóloga em saúde pública e coordenadora de Extensão da Fiocruz Paraná



Comitê Pró-Equidade de Gênero e Raça

Equidade como resultado do desenvolvimento do potencial científico das meninas e mulheres.

A solução para uma sociedade mais justa e inclusiva passa pelo fortalecimento do debate sobre questões de gênero e étnico-raciais junto aos diversos públicos da Fundação.

Com este pensamento central, o Comitê Pró-Equidade de Gênero e Raça da Fiocruz trabalha na consolidação de uma agenda institucional e colabora para que suas políticas e práticas estejam sempre atualizadas.

É prioridade do Comitê promover a equidade de gênero, relações étnico-raciais e a diversidade sexual — seja nas relações de trabalho, no atendimento às pessoas ou na produção e popularização do conhecimento. Esses fatores são fundamentais para a defesa dos direitos humanos, o reconhecimento da pluralidade do povo brasileiro e de suas demandas.

Com estas premissas, desde 2018 o Comitê é gerido por uma coordenação colegiada. Além dos membros, representantes das diferentes unidades e escritórios da Fiocruz se reúnem regularmente. Nos encontros, contribuem para planejar e implementar ações de valorização da diversidade étnico-racial e de gênero.

Olimpíada Brasileira de Saúde e Meio Ambiente e o 5º ODS

“A Fiocruz, que trabalha para a promoção da saúde e garantia dos direitos dos cidadãos brasileiros, está alinhada com propostas que busquem garantir um futuro mais igualitário, solidário e sustentável para a vida no planeta”

“Ninguém fica para trás”. Esse é o lema principal da **Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável**, adotada por 193 países-membros durante a Cúpula das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, realizada em setembro de 2015. A Agenda apresenta 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), que devem ser implementados até 2030. No total, são 169 metas. Para alcançá-las são realizadas ações integradas, internacionalmente; e em nível local, com iniciativas direcionadas por parte de governos, empresas e da sociedade civil. Os ODS têm como referência os 8 Objetivos do Milênio, adotados no ano 2000.

A Fiocruz, que trabalha para a promoção da saúde e garantia dos direitos dos cidadãos brasileiros, está alinhada com propostas que busquem garantir um futuro mais igualitário, solidário e sustentável para a vida no planeta. Ações que assegurem o bem-estar da população e a saúde dos indivíduos são, mais do que nunca, urgentes.

Por isso, a **Olimpíada Brasileira de Saúde e Meio Ambiente (Obsma)** tem levado o debate sobre os 17 ODS para as salas de aula de nosso país. Além de se dedicar aos temas centrais de seu trabalho desde sua criação em 2001 – a promoção das discussões

Edição

de saúde e meio ambiente na Educação Básica – a Obsma divulgou também a Agenda 2030, criando espaços de discussão e reflexão sobre a construção de uma realidade mais justa.

Ao longo de quatro anos, temos debatido os Objetivos com alunos, professores, profissionais da educação, pesquisadores, profissionais da saúde e movimentos populares. Promovemos diálogos e exploramos, juntos, como contribuir efetivamente para a realização das metas. A Olimpíada se coloca como um fórum aberto a diferentes vozes, realidades e territórios, aproveitando a sua abrangência nacional para articular encontros ricos que contemplem diversos pontos de vista.

Globais, urgentes, integrados e dependentes entre si

Os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável são formulados de modo que possam se adaptar a todas as nações, trazendo iniciativas concretas em temas presentes na vida de populações em todo o mundo. Há uma conexão entre os Objetivos: para solucionar questões de alta complexidade, é necessário compreender os desafios de modo interligado.

Assim é a natureza, também, do **5º ODS - Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas**. O 5º ODS busca reduzir as desigualdades no acesso à educação, à saúde, à propriedade e à produção científica entre homens e mulheres, objetivando garantir e promover vida digna para todas as mulheres (cis e transgênero) dentro dos limites do planeta.



É neste ODS que são abordadas questões como exploração sexual infantil, assédio, direitos reprodutivos, feminicídio e saúde da mulher transgênero. Todos esses temas são caros à Obsma, por serem urgentes e pertinentes à saúde pública, impactando diretamente a vida de brasileiras. Não é possível pensar em desenvolvimento sustentável sem abordarmos os obstáculos para a igualdade entre homens e mulheres.

Na **Aula Inaugural da Fiocruz de 2019**, a diretora executiva da Agência de Saúde Sexual e Reprodutiva da ONU, Natalia Kanem, afirmou: “O direito à saúde sexual e reprodutiva é central para o bem-estar humano. Disso depende o progresso e o avanço na igualdade de gênero, e o fim da violência contra as mulheres, garantindo que elas sejam capazes de administrar a sua própria fertilidade.” Para a Obsma, que incentiva trabalhos de jovens estudantes da Educação Básica, essas discussões são parte essencial da garantia de uma existência plena.

Além disso, esse ODS de empoderamento almeja promover a participação de mulheres em lugares de liderança – incluídos, aí, os espaços de produção científica e as grandes instituições de pesquisa, como é o caso da Fiocruz.

Conforme o Glossário de Termos do Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 5, desenvolvido pela ONU, “o empoderamento feminino inclui o reconhecimento explícito e a reafirmação do direito de todas as mulheres a acessarem e controlarem todos os aspectos de sua saúde; o acesso das mulheres, em condições de igualdade, aos recursos econômicos, incluindo (...) ciência e tecnologia; (...) e o direito à educação e formação profissional”. Neste sentido, é essencial que jovens mulheres saibam que lugar de mulher também é na ciência.

É nesse contexto de alinhamento às metas e objetivos da Agenda 2030 que nasce o **Prêmio Menina Hoje, Cientista Amanhã**. Com esta iniciativa, a Obsma reforça o incentivo à inclusão de mais meninas na ciência: contribuir para que jovens mulheres ingressem em carreiras científicas é atuar ativamente na construção de uma vida mais digna para todos – e todas! – e garantir que nenhum de nós, independentemente do seu gênero, fique para trás.



Foto: Acervo pessoal

É a vez delas: assista
Maria Isabel Pinheiro
(estudante)

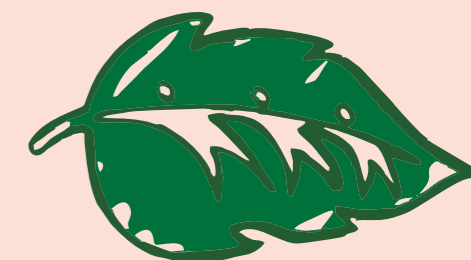
Prêmio Menina Hoje, Cientista Amanhã

Já pensou em ser cientista ou conhece uma menina interessada nessa carreira? Se a resposta for sim, conheça o Prêmio Menina Hoje, Cientista Amanhã

A **Olimpíada Brasileira de Saúde e Meio Ambiente (Obsma)** é um projeto educacional, promovido pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), instituição vinculada ao Ministério da Saúde. Criada em 2001, a Olimpíada acontece a cada dois anos, incentivando alunos, professores e escolas da Educação Básica a realizar trabalhos ou projetos pedagógicos em sala de aula.

Uma de suas finalidades principais é contribuir para que o conhecimento científico esteja cada vez mais próximo do cotidiano escolar e, ao mesmo tempo, que as atividades desenvolvidas por professores e escolas ganhem visibilidade e relevo em nossa sociedade. O projeto tem o intuito de fortalecer nos jovens estudantes o desejo de aprender, conhecer, pesquisar, compreender e investigar. Para tanto, a Obsma conta com a parceria de instituições das áreas de educação, ciência, tecnologia, saúde e meio ambiente.

Por meio da Olimpíada nas escolas, a Fiocruz reafirma o seu compromisso com a história da construção do Sistema Único de Saúde (SUS) no Brasil. Assim, colaboramos para uma sociedade com menos iniquidades e mais justiça social e ambiental para todos. Da mesma forma, a Fundação considera os temas da redução das desigualdades e da valorização da diversidade, tais como previstos no Plano Nacional de Educação (2014–2024), como “caminhos imprescindíveis para a equidade”.



Prêmio
**Menina Hoje,
Cientista Amanhã**
Olimpíada Brasileira de Saúde e Meio Ambiente da Fiocruz



“Pensamos no Prêmio Menina Hoje, Cientista Amanhã como uma porta de entrada para o mundo científico. Queremos demonstrar que, participando da Obsma, as meninas terão uma oportunidade de comprovar que elas podem seguir a carreira de cientista. Imagine um rio onde as meninas da Educação Básica estão em uma das margens, e os programas de incentivos são a ponte que as levarão para a outra margem.”

Rita Bacuri, coordenadora regional Norte da Obsma

Em sua 10ª edição (2020), a Obsma lança o **Prêmio Menina Hoje, Cientista Amanhã**. Essa premiação foi concebida para incentivar, projetos desenvolvidos, exclusivamente, por participantes do gênero feminino: ou seja, professoras e alunas.

A ideia de criar o prêmio surgiu quando a Organização das Nações Unidas (ONU) instituiu o Dia Internacional das Mulheres e Meninas na Ciência (11/2). Considerando a experiência acumulada ao longo de seus 20 anos, a Obsma propõe que a temática das mulheres e meninas na ciência seja um tema específico, estimulando estratégias voltadas ao pleno desenvolvimento das meninas e mulheres em carreiras científicas.

Mais do que impulsionar sua participação em qualquer modalidade, a Olimpíada busca oferecer condições para que elas iniciem uma trajetória bem-sucedida neste campo. A maior expectativa é dialogar com as jovens meninas que estão na Educação Básica. Ao mesmo tempo, a premiação coloca mais luz no debate sobre igualdade de gênero, enfocando a necessidade de permitir que as mulheres tenham acesso à educação de qualidade e aos recursos de ciência e tecnologia.

Para participar, a professora deve juntar um time de estudantes que gostem de ciência, caprichar no projeto e fazer a inscrição normalmente na Olimpíada, sinalizando a opção de concorrer ao prêmio. As autoras dos trabalhos inscritos em qualquer modalidade podem optar por concorrer à premiação.

Quais são os principais objetivos do prêmio?

- Estimular o debate sobre igualdade de gênero e trajetórias profissionais femininas nas escolas e instituições educacionais.
- Incentivar o interesse de jovens alunas pelos campos da ciência e da tecnologia, ampliando seu olhar para oportunidades em carreiras científicas.
- Ampliar e diversificar as ações da Fiocruz para a promoção da equidade de gênero na ciência, alinhadas à Agenda 2030 da ONU.



A quem é destinado?

A alunas e professoras do gênero feminino do 6º ao 9º ano do ensino fundamental, de todos os anos do ensino médio (incluindo Educação de Jovens e Adultos - EJA).



A cada edição, o **Prêmio Menina Hoje, Cientista Amanhã**, uma cientista de destaque terá a sua trajetória homenageada. A escolhida para a estreia é a pesquisadora Bertha Lutz.

Quem foi a cientista Bertha Lutz?

Conheça a primeira homenageada do Prêmio Menina Hoje, Cientista Amanhã



Naturalista, política e defensora dos direitos das mulheres: **Bertha Maria Júlia Lutz** foi tudo isso e mais. Ela foi considerada – e ainda é – uma das cientistas brasileiras mais brilhantes da História. Nascida em São Paulo em 1894, a filha do zoólogo Adolfo Lutz interesse pelos animais e pelas plantas. Estudou ciências naturais na França e, aos 24 anos, decidiu voltar ao Brasil. Foi trabalhar no Museu Nacional, onde **descobriu um interesse particular por anfíbios**. Lançou um livro sobre o tema, que é usado até hoje como referência.

E não para por aí. Além de se tornar uma pesquisadora respeitada pelo seu trabalho, **Bertha foi uma das pioneiras do movimento feminista brasileiro**. Em espaços dominados por homens, no início do século 20, ela defendeu pautas como os direitos trabalhistas das mulheres, a igualdade salarial e o acesso ao voto.

Bertha ocupou cargos de altíssimo prestígio como secretária no serviço público, foi parlamentar e recebeu honrarias importantes, como o título de professora emérita da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Também representou o país em eventos internacionais.

A Fiocruz teve a honra de ser um dos lugares em que a cientista desenvolveu a sua carreira. Já que falava várias línguas, Bertha trabalhou como tradutora no setor de zoologia do Instituto Oswaldo Cruz. Além disso, foi protagonista na construção do Museu Oswaldo Cruz, em 1917.

Por esses e tantos outros motivos, Bertha Lutz foi a escolhida para ser a primeira homenageada do **Prêmio Menina Hoje, Cientista Amanhã**. Afinal, ela é inspiração de sobra.

“A Bertha foi criada em um contexto de independência feminina que, para a época, não era tão comum – porque a mãe dela, uma enfermeira inglesa, era uma mulher muito autossuficiente e avançada para o seu tempo. Quando jovem, Bertha viajou para a Europa com ela e, lá, esteve em contato com o movimento das sufragistas. Isso teve grande impacto no seu envolvimento com a luta pelos direitos das mulheres mais tarde.”

Magali Romero Sá,
historiadora da ciência e
pesquisadora titular da Fiocruz

O que está por vir

Conheça algumas das cientistas das próximas edições

Maria Deane (1916-1995)

Ela fez descobertas incríveis! Maria von Paumgartten Deane foi uma lendária protozoologista que registrou diversas descobertas significativas sobre leishmaniose visceral, malária e doença de Chagas. Foi ela quem descreveu, pela primeira vez, o duplo ciclo de multiplicação do *Trypanosoma cruzi* (agente causador da doença de Chagas) em gambás. Sua produção científica é extremamente original.

Além de uma cientista pioneira, Maria Deane foi uma mulher à frente de seu tempo: ainda na década de 1930, formou-se médica e viajou por todo o interior do Brasil para investigar doenças que continuam a ser negligenciadas. Enérgica e de personalidade forte, Deane dedicou boa parte de sua vida para estimular a formação de profissionais de saúde.

Também esteve envolvida na consolidação de unidades de ensino e pesquisa em várias instituições, como o Departamento de Zoologia da Universidade de São Paulo (USP) e o Departamento de Parasitologia da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade de Carabobo (Venezuela). Na Fiocruz, o Instituto Leônidas & Maria Deane (Fiocruz Amazônia) é também uma homenagem às suas incontáveis contribuições.



Virgínia Schall (1954-2015)

Primogênita entre cinco mulheres, Virgínia Torres Schall de Matos Pinto teve atração pelo conhecimento desde muito jovem. Ela frequentou um colégio de freiras e optou por seguir a carreira de cientista.

Com seu olhar interdisciplinar, se tornou uma pesquisadora pioneira na articulação dos campos da saúde, educação e divulgação científica no Brasil, contribuindo para uma abordagem acadêmica integrada e inovadora. Dentre os cargos que ocupou, atuou nos Ministérios da Saúde e da Educação, na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e na Organização Mundial da Saúde (OMS).

Era grande entusiasta e incentivadora do potencial humano – foi professora e orientou mais de cem estudantes do ensino básico ao pós-doutorado. Na Fiocruz, implantou e coordenou o Programa de Vocação Científica no Rio de Janeiro (Provoc). A mineira Virgínia Schall foi, também, poetisa: expressou ideias e sentimentos em obras literárias e poemas, sendo membro da Academia Feminina Mineira de Letras.

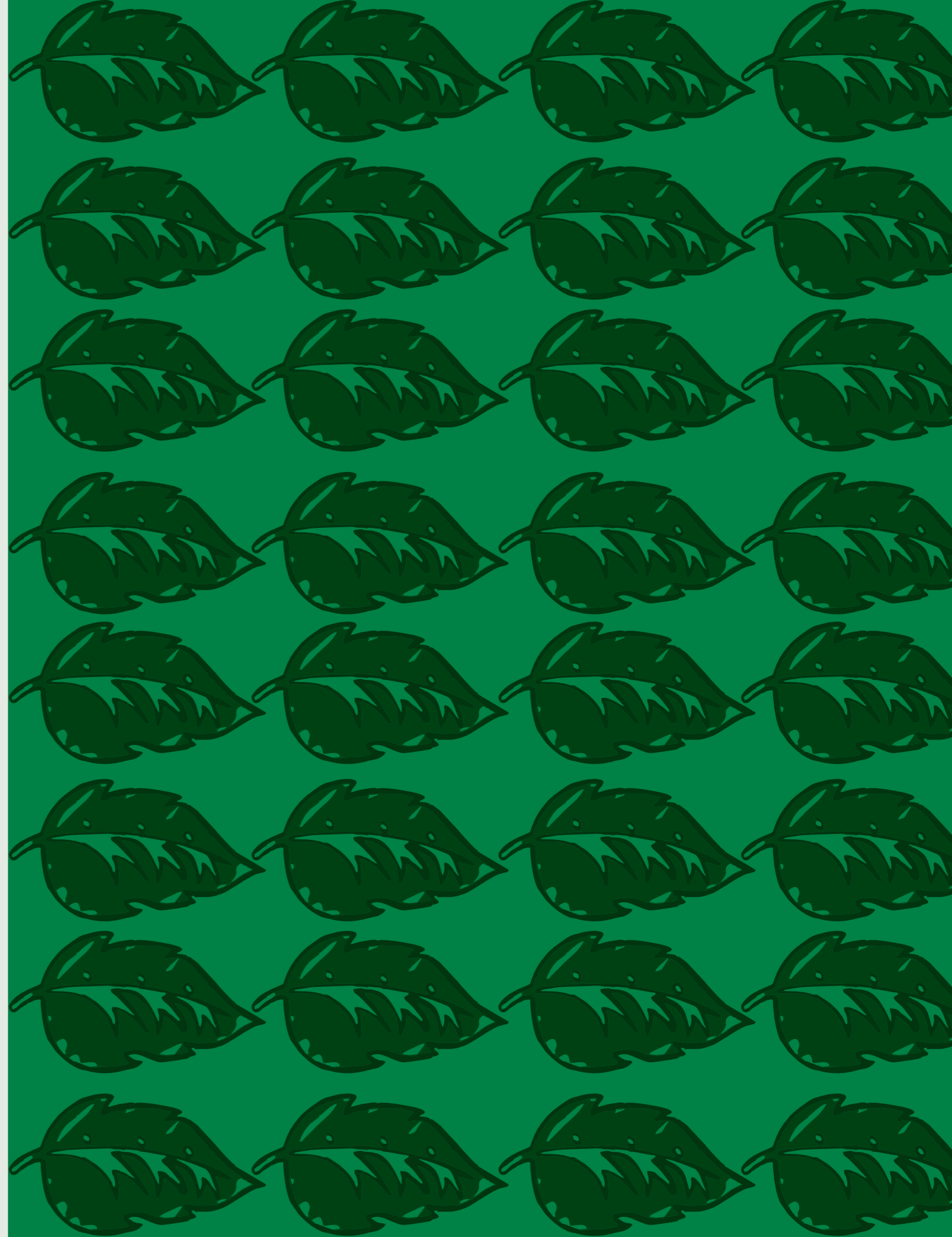


“Sinto que minha saudade é produto da paixão que tenho pela vida.”

Trecho do poema *Sentindo*, escrito por **Virgínia Schall**



Conheça o **Prêmio Menina Hoje, Cientista Amanhã** oferecido pela Olimpiada Brasileira de Saúde e Meio Ambiente da Fiocruz





portal.fiocruz.br

Acesse **olimpiada.fiocruz.br**

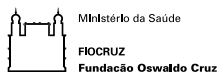


Contato: **olimpiada@fiocruz.br**

Apoio



Realização



MINISTÉRIO DA
SAÚDE

MINISTÉRIO DA
CIÊNCIA, TECNOLOGIA
E COMUNICAÇÃO

